

Špánková, Silvie; Antunes, António Lobo

**Antunes, António Lobo (1942): Comissão das Lágrimas (2011)**

In: Špánková, Silvie. *(Des)colonização na literatura portuguesa contemporânea : breve antologia de textos literários e ensaísticos com atividades*. 1. vyd. Brno: Masarykova univerzita, 2014, pp. 27-29

ISBN 978-80-210-7053-0; ISBN 978-80-210-7056-1 (online : Mobipocket)

Stable URL (handle): <https://hdl.handle.net/11222.digilib/130531>

Access Date: 17. 02. 2024

Version: 20220831

Terms of use: Digital Library of the Faculty of Arts, Masaryk University provides access to digitized documents strictly for personal use, unless otherwise specified.

## **Antunes, António Lobo (1942): Comissão das Lágrimas (2011)**

*Um dos recentes romances que aborda novamente os temas pós-coloniais. A personagem principal, Cristina, internada numa clínica em Lisboa, começa a redigir um livro sobre a sua suposta infância em Angola (anos 70, incidindo sobre o ano de 1977). Este livro, não obstante, não se restringe àquilo que realmente poderia ter sido vivido por uma rapariga dos seus cinco ou seis anos, expande-se espacial e temporalmente, recuando até aos anos 60 (massacre de Cassanje) e alcançando à Metrópole. Há, no entanto, ainda outras vozes que entram na narrativa: sobretudo as vozes dos pais de Cristina que participam na perfeita polifonia do romance.*

Às vezes, quando o vento olhava para trás, as mangueiras punham-se a contar a minha história, comigo sentada no chão da sala, sob o candeeiro, e lá fora, apesar de uma pontinha de lua, não redonda, estendida nos telhados, e da suspeita de uma segunda lua que ninguém viu e no entanto sei em mim como uma presença secreta, tanto escuro e tanta ameaça no escuro, sabia que prédios à nossa volta e não dava por eles, ruas que deixara de conhecer, pessoas que desejavam não entendia o quê, os militares que tomavam conta do meu pai a dormirem, invisíveis, no jipe, sob essa outra lua que nenhum de nós via, percebia-se uma trepadeira ou era eu que inventava a trepadeira onde trepadeira alguma, a minha mãe

- Estás a espreitar para onde?

e não estava a espreitar, ouvia as mangueiras que derivado à noite não existiam tão pouco, ganas de perguntar se continuamos vivas numa terra de que não distinguia a pulsação nem os contornos e tive medo que me respondesse, a cara, sob o candeeiro, embora familiar, estrangeira, com a luz a aumentar as narinas e a prolongar a boca, sombras fundas em cada prega da blusa e gestos diferentes dos seus, parecidos com os movimentos dos sonhos cujo significado me escapa, mesmo ao lembrá-los, acordada, não percebo o que dizem conforme não percebo o que este livro diz, limito-me a escrever o que as coisas ordenam e o único assunto de que não falo é da lua secreta que de vez em quando revela episódios dispersos, o meu pai a rezar e a pedir perdão a uma janela sem avencas porque não existiam avencas nem sinos em Luanda, existe o escuro, que mencionei ao princípio, mesmo durante o dia, e no interior do escuro pessoas raspando a terra numa esperança de grilos, visto que o peixe seco e a mandioca acabaram, também comeu grilos durante a guerra, pai, olha as criaturas que avançam de gatas nas aldeias de leprosos, latindo de pavor sob os tiros, o enfermeiro tão miserável quanto eles

- Venham cá

e na cubata do enfermeiro uma mulher abraçada a uma galinha, a quem amarrou as patas para a impedir de escapar-se e as patas idênticas às nossas mãos, demasiado duras e escamosas e sujas, olhos de leprosos, vazios de tudo o que não fosse incompreensão ou sofrimento, por baixo das penas nem um pedaço de carne, filamentos e ossos, nas povoações malas de peixe a mirrarem num armazém desmantelado e na mata espinhos e capim ardido, levaram um prisioneiro português a tropeçar de febre, com um pedaço de camisa a cobrir uma ferida na perna e o suor das sobranceiras a fazer as vezes de lágrimas e enquanto os soldados procuravam sinais de palanca o meu pai a segredar-lhe

- Mostra

como para o colega do seminário em criança e as palmeiras a estalarem sem fim, noutras ocasiões um daqueles que esperavam o interrogatório na Comissão das Lágrimas com o qual o meu pai se aferrolhava num dos gabinetes do fundo

- Mostra

sob a cinza difusa da segunda lua, a minha mãe

- Estás a espreitar para onde?

e eu sem responder

- Estou a espreitar o seu marido senhora

para que o meu pai não ouvisse, a rezar e a pedir perdão quando se julgava sozinho, fabricar uma trepadeira que o oculte da gente, as mãos juntas, o murmúrio de desculpas e a sua zanga consigo, como dizer às mangueiras que não lhe contem a história, tirou o pedaço de camisa da perna do português e enrolou-lho ao pescoço, assistiu à língua e a uma veia na testa e mal a veia e a língua desapareceram e o pé se prolongou além do tornozelo entregou-o aos pássaros deixando-o na erva, na Cadeia de São Paulo disparos inaudíveis, granadas sem som, nenhuma rapariga a cantar, porquê a minha mãe, senhor, por que motivo a esperou dias seguidos à chuva, o meu pai instalado no jipe, a pegar na pistola e a arrepender-se da pistola

- Não fales comigo

vendo o prefeito no meu lugar

- Seis horas seis horas

a deslocar-se entre as camas, não preto, mestiço, de batina a que faltavam molas, e o remoinho de acenos com que a esposa do chefe de posto espantava a criação, pitas cuja crueldade a fome aumentava, tudo é cruel em Angola, o prefeito batia o vime nos colchões

- Depressa

à medida que o latim dos padres crescia, santos de barba, sem verniz, a espantarem-se

imóveis, que pode por nós um Deus pobre e ausente que trocou África pelo barco de regresso a Portugal, entre infelizes como Ele, passando o tempo em Lisboa, de papelinho numerado na mão, a fim de entregar os impressos de uma reforma que não vinha, de modo que em Angola a gente sozinhos enquanto a minha mulher, cada vez menos plumas e as lantejoulas sem brilho, dançava numa cave para cadeiras desertas, qual o sentido disto diante da baía sem ondas, os pretos das traineiras a chuparem gasóleo nos depósitos da tropa, volta e meia uma pistola, um preto das traineiras caído e o gasóleo a derramar-se no chão, logo bebido pela terra que bebe tudo, incluindo os nossos passos, visto que não há ecos aqui e as mangueiras contam a minha história a ninguém, sobra o jipe do meu pai a coxear entre ruínas e nós duas à espera, eu à espera das ordens das vozes e você o que esperava mãe, que o seu avô morto atravessasse um quintal, que não sabe onde fica, tentando descobri-la entre as manchas dos olhos

- Rapariga

sem que a lograsse encontrar, que pessoa senão o seu avô continua para além dos pinheiros e serras que o comboio esqueceu, o meu pai detestando-se a si mesmo

- Mostra

sem coragem de se observar nos espelhos, interroguem-me na Cadeia de São Paulo, prendam-me os pulsos, espetem-me um tiro em cada perna, matem-me, o avô investigando as algibeiras da memória

- Quantos anos tenho agora?

e uma pilha com muitos números quase a cair-lhe das mãos, talvez que um deles se perca e a minha mãe a descansá-lo

- Estão aqui todos senhor

(ANTUNES, António LOBO. *Comissão das Lágrimas*. Lisboa: Dom Quixote, 2011, p. 137-140)

### Atividades:

1. Adivinhe a quem pertence a voz no extrato (se há mais vozes, tente identificá-las).
2. Defina as coordenadas espaço-temporais.
3. Especifique os problemas, conflitos e traumas das personagens.